

# Mulheres abolicionistas e sufragistas no Espírito Santo

---

## Abolitionist and suffragist Women in Espírito Santo

Renata Bomfim\*

**O** conteúdo que ora compartilho é fruto de reflexões e pesquisas no campo da literatura de autoria feminina. É fato que as mulheres conquistaram vários direitos sociais e políticos, entretanto, ainda há um longo caminho de luta pela frente até que a sonhada igualdade de direitos seja alcançada. A opressão sexual, afetiva, econômica e política persiste, mostrando que as relações entre os seres humanos ainda não se tornaram transversais. Trazer à luz ações políticas e culturais de mulheres que viveram em outras épocas, passar a história em revisão, não permitindo que essas sejam diminuídas e nem apagadas da memória, é um dos papéis dos intelectuais contemporâneos. O campo de pesquisa da literatura produzida por mulheres, que ganhou força na década de 1970, busca auscultar vozes femininas ignoradas na história por um cânone literário ocidental constituído por homens brancos e de classe social média e alta.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Este é um texto que homenageia as capixabas que participaram do movimento abolicionista e, posteriormente, do movimento sufragista no Espírito Santo. Muitas delas deixaram contribuições ímpares, como Maria Stella de Novaes e Judith Leão Castello Ribeiro.

Historicamente, o binarismo de gênero colocou a mulher no campo do privado, no mundo da família, da reprodução e do cuidado, e os homens no campo público, do trabalho e da política. Maria Stella de Novaes na obra *A mulher na história do Espírito Santo* (1999, p. 55) discorreu sobre a opressão que solapava as aspirações femininas nos séculos XVIII e XIX: “Quantas vocações estioladas, [...] quanto idealismo de cursar uma faculdade, uma Academia de Belas Artes, um instituto de ciências era soterrado no percorrer das teclas de um piano”, assim, as mulheres dessa época podem ser comparadas a “abelhas operárias”, “fadas incógnitas, que salvaguardaram as bases da sociedade”.



Maria Stella de Novaes  
(Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

O caminho que as mulheres trilharam, seja no campo da literatura ou da política, até que chegássemos ao patamar que estamos agora, começou há muitos anos e é marcado pela resistência e pela luta. Lendo a obra *História do Estado do Espírito Santo* (2008), de José Teixeira de Oliveira, observei que o autor destacou a existência, desde 1869, de um grêmio emancipador na província, a Sociedade Abolicionista da Escravatura do Espírito Santo. Essa instituição contava com vários membros da elite espírito-santense. Teixeira ressaltou, ainda, o empenho desses “batalhadores” que “coordenavam as iniciativas, promoviam reuniões públicas, angariavam fundos e agitavam a questão” (TEIXEIRA, 2008, p. 461). Entretanto, constatei que nenhuma mulher foi citada entre esses abolicionistas. O texto escrito por Teixeira é um termômetro que nos dá a medida do apagamento que as mulheres sofreram durante um longo tempo.

Ao olharmos essa história a contrapelo, observamos que a participação feminina foi decisiva para o sucesso da causa abolicionista no Espírito Santo, pois elas “agitavam a questão” mobilizando as famílias e outros grupos, organizando variados eventos sociais que arrecadavam dinheiro para a compra de cartas de alforria. Nesses encontros, as mulheres tinham a oportunidade, também, de experimentar outros lugares sociais, entre eles o lugar de escritoras, geralmente, poetisas.

Francisco Aurelio Ribeiro, na obra *Antologia de escritoras capixabas* (1998, p. 18), nos faz saber que, em 1884, houve um sarau lítero-musical, realizado sob a coordenação de Afonso Cláudio, líder do Movimento Abolicionista no Espírito Santo, no qual um grupo de mulheres declamou poemas, tocou piano, realizou quermesse com brindes que eram acompanhados por poesias. Entre as muitas escritoras abolicionistas da época encontrava-se **Adelina Tecla Correia Lírio** (1863-1938), educadora, pianista, primeira professora de datilografia de Vitória e precursora das escritoras capixabas. Ela abriu espaço para as mulheres na imprensa em Vitória, ainda na segunda metade do século XIX, juntamente com Orminda Escobar, outra poetisa e intelectual feminina de grande destaque na época.

As mulheres que participavam dos salões tocando piano e declamando versos não eram levadas a sério como escritoras. Aos críticos de então, as “poetisas de salão”, aspirantes a poetisas, só faziam enfasiar. Certamente, havia homens que apoiavam essas mulheres, mas, no geral, a presença feminina no mundo das letras era considerada algo deplorável, pois, como afirmou um crítico literário português, Ramalho Ortigão (apud ALONSO, 2007, p. 19), desviava as mulheres da sua missão própria, que era a de preparar o caldo.

A produção feminina até o primeiro quartel do século XX foi fortemente marcada por temáticas como o amor, a família e a religiosidade e considerada pela crítica literária, por muitos anos, como uma produção de caráter apolítico. Contudo, conforme afirmou Herbert Marcuse (1999, p. 11), “o potencial político da arte está contido na própria arte que, se apresenta autônoma perante as relações sociais”, permitindo a ruptura da consciência dominante e revolucionando a experiência”. Dessa maneira, podemos constatar que a participação das escritoras capixabas nas causas abolicionista e sufragista, questionou o ideário feminino da uma época.

No Brasil, não podemos parrear o movimento abolicionista ao movimento sufragista, no entanto, muitas escritoras participaram de ambos. No início do século XX, em vários países, as mulheres já estavam organizadas social e politicamente em torno do movimento feminista. A luta era, especialmente, pelo direito ao voto, à instrução e pela regulamentação do trabalho feminino. No campo da escrita, as mulheres já possuíam suas próprias revistas, publicavam livros, mas o silenciamento sobre as suas produções e o desdém da crítica impregnavam o cenário; um exemplo disso é **Guilly Furtado Bandeira** (1890-1980), primeira capixaba a publicar um livro, em 1913. A escritora foi pouquíssimo lida na sua época e teve o valor da sua obra rebaixado pela crítica que a definiu como “literatura de moça”, com histórias de “escassa originalidade”, “desprovida de força de criação”, algo “natural e desculpável, principalmente em moça estreante”, como destacou Francisco Aurélio Ribeiro na apresentação da

versão da obra fac-similada (BANDEIRA, 2011, p. 217). Considerando o olhar depreciativo para a produção da nossa primeira escritora publicada, podemos imaginar a opressão e a discriminação que mulheres que ousaram escrever em épocas anteriores sofreram.



Guilly Furtado Bandeira (Foto sem crédito)

As intelectuais capixabas dessa época, a despeito dos preconceitos, acompanharam o movimento de emancipação que acontecia em outros estados da federação e não deixaram de escrever. Vale destacar que, Dionísia Pinto Lisboa, mais conhecida como Nísia Floresta, é considerada a precursora do movimento feminista em terras brasileiras. Nísia publicou a obra *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*, em 1832, uma livre tradução da obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, escrita em 1792 por Mary Wollstonecraft. Esse trabalho rendeu frutos e, em 1922, Berta Lutz fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

No Espírito Santo, as capixabas não ficaram alheias ao que acontecia no restante do país, em especial, no Rio de Janeiro, e se organizaram fundando em 1933, tanto a Federação Espírito-santense pelo Progresso Feminino, presidida por Sylvia Meyrelles da Silva Santos, quanto a Cruzada Cívica do Alistamento, esta segunda instituição não exigia das participantes o compromisso partidário e tinham como dirigentes Sylvia da Meyrelles da Silva Santos e Maria Stella de Novaes. Certa vez, Berta Lutz, de passagem por Vitória, elogiou Sylvia pela sua

capacidade de agregar mulheres em torno de uma causa, e por ter feito um jantar para homenagear Adalgisa Fonseca, a primeira capixaba a se graduar em medicina. Segundo Lutz, essa era a primeira vez que ela via mulheres se reunindo para homenagear mulheres e que isso era “um verdadeiro símbolo da emancipação feminina” (LAZZARO, 1995, p. 80).

**Judith Leão Castelo Ribeiro** (1898-1982) possui um papel importante no movimento sufragista capixaba. Professora, escritora e primeira deputada estadual do Espírito Santo, foi uma defensora dos direitos das mulheres, agregando em torno de si várias companheiras de luta que, mais tarde, ajudariam a chegar à Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Em 1934, Judith candidatou-se a deputada estadual pela primeira vez, mas como não estava filiada a nenhum partido, acabou não se elegendo. Posteriormente, optou por disputar sem legenda, por apoiar o Movimento Revolucionário Constitucionalista de São Paulo, de 1932, e por discordar da política estadual em vigor na época. Judith conseguiu se eleger como a primeira deputada estadual capixaba em 1947 exercendo vários mandatos. A participação de Judith na política está presente na criação da UFES; ela foi membro-fundadora do Hospital Santa Rita de Cássia e foi, durante vários anos, membro do Conselho da Associação Feminina do Combate ao Câncer, da qual foi uma das fundadoras.



Judith Leão Castelo Ribeiro (Foto sem crédito)

Maria Stella de Novaes (1999) destacou o “esforço titânico” das mulheres para se sobressaírem nesse ambiente social marcado pelo preconceito; segundo ela, houve apenas Judith na militância, mas também outras intelectuais e escritoras, como Guilly Furtado Bandeira, Ilza Etienne Dessaune, Maria Antonieta Tatagiba, Lidia Besouchet, Virgínia Tamanini, Yponéia de Oliveira, Zeny Santo e Haydée Nicolussi.

O movimento feminista capixaba de primeira hora foi formado, na sua maioria, por senhoras de classe média e alta, e era fortemente marcado pela religiosidade e pelos valores da época; entretanto, isso não diminui a sua importância, pois essas mulheres cumpriram o importante papel de abrir espaços para a expressão e fala femininas. Retomo o pensamento de Marcuse (1999, p. 21) que diz: “a verdade da arte reside no seu poder de cindir o monopólio da realidade estabelecida” e daqueles que a estabeleceram.

Eleita a primeira mulher deputada no Espírito Santo, Judith candidatou-se para ocupar uma cadeira na Academia Espírito-santense de Letras (AEL), mas foi recusada. A negativa levou-a a fundar a Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL), em 18 de julho de 1949. Participaram da fundação da AFESL, também, as escritoras Arlette Cypreste de Cypreste, Zeni Santos, Iamara Soneghetti e Virgínia Tamanini; posteriormente, se juntaram a elas Ida Vervloet Finamore, Hilda Prado entre outras.



Virgínia Gasparini Tamanini (Foto sem crédito)

Essas e muitas outras histórias sobre as conquistas das mulheres nos mais diferentes campos precisam ganhar visibilidade, pois são pouco conhecidas da maioria das pessoas. Há muitas escritoras ainda a serem estudadas e lidas. Na obra *A face múltipla e vária* (1995, p. 19), Agostino Lazzaro fez um levantamento das mulheres escritoras na historiografia do Espírito Santo; ele constatou a “dificuldade de acesso às obras produzidas por várias intelectuais” e a “escassez de informações fidedignas sobre as mesmas”.

Finalizo a reflexão fazendo minhas as palavras de Herbert Marcuse (1999, p. 39): “A arte não pode mudar o mundo”, mas pode “contribuir para a mudança de consciência e impulso de homens e mulheres que poderiam mudar o mundo”. Baseada nisso, escolhi autoras capixabas que procuraram mudar as consciências sobre as mulheres. Nesta seleção, apresento alguns textos em verso e prosa, de escritoras que participaram do movimento abolicionista e do movimento sufragista no Espírito Santo. Boa leitura!

## Referências:

ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2007.

BANDEIRA, Guilly Furtado. *Esmaltes e camafeus*. Ed. fac-similada. Estudo crítico de Josina Drummond. Posfácio de Francisco Aurelio Ribeiro. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2011.

LAZZARO, Agostino. *A face múltipla e vária: a presença da mulher na cultura capixaba*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1995.

LÍRIO, Adelina Tecla Correia. *Combatem grandes ideias*. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 14.

MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. Tradução de Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vila Velha; Vitória: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20).

NOVAES, Maria Stella de. *A mulher na história do Espírito Santo: história e folclore*. Vitória: Edufes, 1999.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do estado do Espírito Santo*. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

RIBEIRO, Judith Leão Castelo. Deveres e direitos políticos da mulher. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 122.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998.

TAMANINI, Virginia Gasparini. Nasci ainda no século passado. In: LAZZARO, Agostino. *A face múltipla e vária: a presença da mulher na cultura capixaba*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1995. p. 169-170.

## Seleta

### “Combatem grandes ideias”

Poema de Adelina Tecla Correia Lírio,  
publicado em 7 de setembro de 1886.

Combatem grandes ideias  
O rigor do cativo  
E desponta nova aurora  
Para o céu do Brasileiro.

Já se foram as cadeias,  
Que suporta a escravidão  
Oh! Salve! Três vezes, salve  
Ao Brasil, grande Nação.

Caminha a luz tão brilhante  
Dessa nobre aspiração,  
Anima as flores nascentes  
Da grande Regeneração.

LÍRIO, Adelina Tecla Correia. Combatem grandes ideias. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 14.

## “Aosanita”

Conto de Guilly Furtado Bandeira.

Chegara do concerto. Trazia ainda a ressoar-lhe nos tímpanos o som uníssimo dos aplausos delirantes; revia esse instante de entusiasmo louco, em que ramalhetes caros e perfumados, em breve desfeitos, flores admiráveis e raras, prestemente murchas, lhe caíam aos pés, machucados, quebrados, exalando já o odor das pétalas fanadas: era a Glória a acenar-lhe dos pórticos da Arte.

Dessas ovações ficou-lhe uma lembrança amarga; recebeu-as indiferente, com um sorriso tristonho, que ninguém analisou.

Tocara para satisfazer um coração querido; mas não houve, porém, uma só alma que sentisse na harmonia mágica do som, no transporte dessa música deliciosa que seus dedos ágeis arrancaram do teclado, a alma da artista soluçando nos acordes vibrantes.

Agora, só, sentia o vazio que fazia em seu peito. E afastando do pensamento as ambições vaidosas de uma glória efêmera, afundava-se no sonho: narcose dos seus desalentos ignorados e íntimos.

Encostara-se a janela de sua alcova silenciosa, olhando a noite sombria. A mente combalida, o cérebro cansado concebia, de quando em quando, uma ideia fútil, que logo fugia a um pensamento que lhe não dissipava nunca.

Quase alta, de um loiro arruivado que lhe dava o ar suave de uma visão excêntrica das lendas bretãs, andar colubrinu e gestos francos, Aosanita quedava-se num devanear fatigante e amarguroso.

Criara o seu sonho de artista. Intentara acordar para a Arte essa alma desconhecida que não sentia as vibrações do Ideal, esse coração insensível a música, indiferente aos arroubos do som.

Era em vão que ela lhe enlevava em interpretar páginas e páginas dos grandes mestres com a inspiração e o sentimento dos que sabem sentir; em vão o piano gemia dulçuroso, em suspiros dolentes, como o murmúrio da brisa vespertina, ou esbravejava soturno qual os lamentos do mar.

Havia alguém ao seu lado, ouvindo-a impassível e com bocejos de tédio, incapaz de acompanhá-la nos seus transportes. Enquanto seus olhos se marejavam e perdiam-se no ignoto distante, que lhe evocava a música, essa alma que ela anelava na sua ilusão idílica, essa alma ambicionada nem sequer estremecia.

Longe em longe, como um pirilampo na treva, fulgia uma luz nas casinhas esparsas na campina redolente.

O esmaecimento de um luar embaciado espalhava-se na copa verde-negra dos arvoredos frondosos, parados, como num colapso de morte, emprestando-lhes a coloração suave das opalas.

Não havia o sussurrar suave dos Zéfiros trêfegos a brincar entre a folhagem pendida, apenas o zumbir dos insetos notívagos e, de tempo em tempo, o uivo lancinante de cão nostálgico, que se ia perdendo na deveza, morrendo aos poucos, enchendo o ambiente de uma tristeza penetrante, alanceando o coração de uma agonia presaga. Tudo silenciara nesse letargo momentâneo das sombras.

Entretanto, Aosanita vela, insone, presa de um martírio que nos refolhos de sua alma se aninha, encostada à janela de sua alcova silenciosa, olhando a noite sombria.

Num movimento repentino pousou os olhos esverdeados, como duas águas marinhas, fascinantes e cheios de mistérios, no seu vestido de musselina cor de rosas murchas, atirado ao chão, junto ao leito, onde chispavam

as guarnições custosas e a seda brilhava docemente ao clarão da lâmpada intensa. E espalhadas aqui e ali, pétalas cambiantes, flores crestadas, folhas murchas. Eram os restos de sua vitória. E novamente o pensamento borboleteou pelo salão resplendente onde Aosanita se impusera como artista e dominara como mulher.

Acabava de chegar. Todos os olhos se cravavam nela. Irrepreensivelmente elegante, trajando o leve vestido cor de rosas murchas e tendo entre os seios uma papoula ensanguentada, destacando-lhe a palidez da emoção do instante, da sensação de tocar em público, ela sentiu nesse instante tremer-lhe as mãos e um calafrio percorreu-lhe o corpo franzino, quando encontrou o olhar de Elsenor fitando-a ardentemente. Era para ele que ela ia tocar. Era o derradeiro arranco de sua alma por uma ilusão que se desvanecia.

Fora ele que lhe suplicara o seu concurso para essa festa caridosa, para pequeninos órfãos e infelizes viúvas.

Talvez, a vaidade de vê-la aplaudida, admirada, e quem sabe, incendiando paixões despertasse-lhe a fibra adormecida e o fizesse vibrar no êxtase do som.

E Oasanita tocou, tocou como nunca o fizera; transportou-se muito além. Seus dedos corriam vertiginosos por sobre o teclado alvacentos e suas mãos brancas eram como duas mariposas estonteadas a voitar sobre as teclas do piano. Acabara como quem acorda de um sonho longo sem a sensação do tempo e do lugar. E foi assim que estremeceu assustada quando irrompeu no recinto o aplauso delirante com que a vitoriavam.

As flores caíam-lhe aos pés, os ramalhetes desfaziavam-se em meio do salão. Procurou Elsenor e viu-o indiferente, olhando com enfado as manifestações que Aosanita recebia.

Nesse momento um sorriso triste aflorou-lhe aos lábios empalidecidos. Se ela conseguira arrebatá-los todos os que a escutavam, porque só Elsenor se conservava insensível à magia da música, essa arte divina que desprende das coisas terrenas, evacando Sonhos não sonhados, venturas jamais

fruídas? Onde achar a alma desse homem extarordinário?  
Qual o sentimento que escoaria no íntimo do seu peito?

Aosanita teve um instante de desfalecimento, mas amava-o e quis vencê-lo. A aurora dissipava já as nuances alvadias da noite e estrias purpurinas emergiram do oriente enevoadado. Aosanita ainda no enlevo doloroso de quem vê fanar-se a mais cara ilusão se um grande sonho, o anelo supremo de um coração ardente, nessa oscilação pungente dos que escutam o *in-extremis* de um ideal agonizante esperando vê-lo ressurgir num raio de luar, num perfume etéreo, numa asa erradia, numa saudade perene...

BANDEIRA, Guilly Furtado. *Esmaltes e camafeus*. Ed. facsimilada. Estudo crítico de Josina Drummond. Posfácio de Francisco Aurelio Ribeiro. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2011. p. 11-16.

## **“Nasci ainda no século passado”**

Fragmento de um poema de Virgínia Gasparini Tamanini.

Nasci ainda no século passado.  
Vivi, portanto, deslumbrada e “pálida de espanto”,  
A idade de ouro da humanidade.  
Da lamparina de querosene,  
Cuja griseta eu mesma acetava antes de me recolher,  
(numa época em que os contratos de iluminação das vias públicas  
Previam a dispensa de acender os lampiões nas noites de luar),  
Saltei, incrédula e assustada para a lâmpada incandescente.  
(De Edson ou de Aladin?)  
Acostumada a viajar a cavalo, montada de um lado no silhão,  
Ou de canoa, sentada na popa,  
Protegida do sol e chuva pelo toldo de pano grosso,  
– assisti rasgarem-se as primeiras estradas  
E surgirem os primeiros carros, barulhentos  
E maravilhosos.  
Do enlevo de ouvir, horas e horas,  
Os discos rascantes de ebonite no gramofone de meu pai,  
– passei, de repente, para o hi-fi e o stéreo.  
Gritando nos vales meu recado  
Aos camaradas no alto do morro,  
– embatuquei, duvidando, ao saber que o telefone nascera.  
Testemunhei o surgimento do rádio e da televisão,  
– obras de mágicos.  
Não acreditei ao ouvir falar nos aviões,  
– que só aos pássaros era dado voar.  
Das saias rodadas, sobrepostas, varrendo a poeira das ruas,  
– Mergulhei nas ondas da mini-saia, da tanga, do monobiquini.

Escutei a explosão da BOMBA!

Mas acabei aceitando como normal  
A descida do homem na lua.  
Aquela mesma do Dragão e de São Jorge  
Que acesa no céu tanto encantara

Meus sonhos de amor na juventude.  
Árida, deserta, poeirenta...

Nada mais me espanta  
Ou me parece impossível,  
Agora.

[...]

TAMANINI, Virginia Gasparini. Nasci ainda no século passado. In: LAZZARO, Agostino. *A face múltipla e vária: a presença da mulher na cultura capixaba*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1995. p. 169-170.

## **“Deveres e direitos políticos da mulher”**

Trecho do discurso de Judith Leão Castello Ribeiro.

[...]

Forma, movimento, ideia, sentimento, transcendem hoje, numa ascensão rítmica para o absoluto, nessa comunhão do belo natural, artístico e do belo moral, agora que a mulher capixaba exalta o triunfo de suas aspirações políticas.

A mulher feita de complemento da felicidade entre as belezas da natureza criada, só poderia assim celebrar, entre flores e música, a conquista mais sublime das artes, a política, que, no dizer de Aristóteles, “é a arte de governar a sociedade de modo a fazer o maior bem possível, sustentáculo único das leis mais sábias”.

Hoje é a festa do pensamento político da mulher capixaba que, na urdidura de uma vida laboriosa, necessária e útil à coletividade, ressalta, em filigranas de aspirações, uma consciência coletiva, capaz de, executando seus deveres no lar, na escola, nos escritórios, nos campos e nas fábricas, melhor medir os encargos nobilíssimos dos seus deveres e direitos de colaboradoras na obra de reconstrução política da sua terra natal.

E este pensamento político da mulher espírito-santense, esta conquista implica um grau esplendoroso do seu desenvolvimento intelectual. Ela que escolher o Governo, as autoridades sob as quais vive, analisar a organização das leis que regem o país, opinar sobre as atividades públicas, cooperar na solução dos problemas nacionais da melhor forma política. Essa é a nota aguda que atingiu a especulação intelectual da mulher em suas reivindicações de alevamento social [...]

E a mulher do Espírito Santo, da terra que tem em sua tradição histórica Luiz Grinalda na governança da capitania recém-nata, defendendo-a contra a braveza do gentio, o vício dos colonos e da ambição dos piratas, que tem Maria Ortiz oferecendo-se em holocausto à terra, num feito histórico contra o invasor iconoclasta, que tem como protetora uma Virgem Santíssima, a Senhora da Penha, deveria, por certo, estar no plano divino como predestinada a compartilhar da vida política do seu Estado [...].

RIBEIRO, Judith Leão Castelo. Deveres e direitos políticos da mulher. In: RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 122.